

PRIMEIRO ATO

CENA I – *Um local público*

Entram Sansão e Gregório, armados de espadas e broquéis.

SANSÃO – Digo e repito, Gregório, não podemos levar desaforo para casa.

GREGÓRIO – Concordo contigo. Caso contrário, teríamos sangue de barata.

SANSÃO – Quero dizer, se a raiva nos acomete, puxamos da espada.

GREGÓRIO – Mas, enquanto viveres, afasta-te da raiva.

SANSÃO – Se me incomodam, ataco com a maior rapidez.

GREGÓRIO – Mas não é com a maior rapidez que te sentes incomodado a ponto de atacar.

SANSÃO – Da casa dos Montéquio, até um cachorro me incomoda.

GREGÓRIO – Ficar incomodado implica mexer-se; e ser valente é enfrentar o inimigo, firme, teso, de pé; portanto, se ficas incomodado, não ficas parado e foges.

SANSÃO – Mesmo um cachorro daquela casa sempre vai me incomodar, mas não para me fazer fugir e sim para me fazer encará-lo. Derrubo as muralhas de qualquer homem ou donzela da casa dos Montéquio.

GREGÓRIO – Isso só serve para mostrar como és um fraco, um escravo; pois os mais fracos é que correm para as muralhas.

SANSÃO – Lá isso é verdade; e, portanto, as mulheres, sendo as criaturas mais fracas, acabam sempre prensadas contra a parede. Portanto, afasto os homens de Montéquio de suas muralhas e preno as donzelas deles contra a parede.

GREGÓRIO – Essa briga é entre nossos amos e nós, seus homens.

SANSÃO – Dá tudo no mesmo, e eu vou me mostrar um tirano. Depois de haver lutado contra os homens, serei cruel com as donzelas, e lhes cortarei as cabeças.

GREGÓRIO – Cortarás as cabeças das virgens?

SANSÃO – Isso, as cabeças das virgens. Ou os cabaços das virgens. Podes interpretar isso no sentido que quiseres.

GREGÓRIO – Elas é que vão interpretar isso de acordo com o que vão sentir.

SANSÃO – Pois a mim elas vão sentir, enquanto eu for capaz de me agüentar teso; e é público e notório que sou um belo exemplar de macho.

GREGÓRIO – E ainda bem que de macho humano, pois, se fosse de bovino, estarias mais para boi que

para touro. – Empunha tua ferramenta; aí vêm vindo dois da casa dos Montéquio.

SANSÃO – Minha arma já está desembainhada; vai em frente, briga com eles, que te dou cobertura.

GREGÓRIO – Como? Viras as costas e foges?

SANSÃO – Não tenhas medo, não te deixo só.

GREGÓRIO – Não, meu amigo; eu tenho medo, sim, que me deixes só.

SANSÃO – Vamos fazer com que a lei fique do nosso lado; eles que comecem!

GREGÓRIO – Vou franzir a testa quando passar por eles; e deixar que eles entendam isso como quiserem.

SANSÃO – Ou como se atreverem. Vou morder meu polegar para eles, o que lhes será uma desgraça se eles não reagirem.

Entram Abraão e Baltasar.

ABRAÃO – O senhor por um acaso está mordendo o polegar para nós?

SANSÃO – Estou mordendo o meu polegar, sim.

ABRAÃO – E o senhor por um acaso está mordendo o polegar para nós?

SANSÃO – Estaremos com a lei do nosso lado se eu disser que sim?

GREGÓRIO – Não.

SANSÃO – Não, senhor. Não estou mordendo o meu polegar para vós; mas estou mordendo o meu polegar.

GREGÓRIO – O senhor está procurando briga?

ABRAÃO – Procurando briga, senhor? Claro que não!

SANSÃO – Porque, se o senhor por um acaso estiver procurando briga, sou o homem certo para o senhor. Sirvo para um homem de seu quilate.

ABRAÃO – Mas não para homem de maior quilate.

SANSÃO – Não, senhor.

GREGÓRIO – Dize que sim, que serves para homem de maior quilate. Está chegando um parente de meu amo.

SANSÃO – Sirvo, sim, senhor, para homem de maior quilate.

ABRAÃO – Está mentindo!

SANSÃO – Saque de sua espada, se for homem. – Gregório, lembra-te daquele teu golpe que vara o inimigo de lado a lado.

(Entram em combate.)

Entra Benvólio.

BENVÓLIO – Apartai-vos, seus idiotas! Guardai as espadas; não tendes idéia do que estais fazendo!

(Com raiva, baixa-lhes as espadas.)

Entra Teobaldo.

TEOBALDO – Mas como? Desembainhastes vossas espadas no meio desses fracotes sem colhões? Virate, Benvólio, e encara tua morte.

BENVÓLIO – Não faço mais que manter a paz. Guarda tua espada, ou então usa-a para, junto comigo, separar esses homens.

TEOBALDO – Mas como? Espada desembainhada, e me vens falar de paz? Tenho tanto ódio a essa palavra como ao inferno, aos Montéquio e a ti. Defende-te, covarde!

(Entram em combate.)

Entram vários homens relacionados às duas famílias e juntam-se à briga; em seguida, entram Cidadãos com pedaços de pau.

1º CIDADÃO – Com pauladas, alabardas, lâminas de aço militar! Atacai! Derrotai-os! Abaixo os Capuleto! Abaixo os Montéquio!

Entra Capuleto, de roupão, e Lady Capuleto.

CAPULETO – Que barulho é esse? Dêem-me a minha espada mais pesada, e rápido!

LADY CAPULETO – Uma muleta, uma muleta! Por que pedes uma espada?

CAPULETO – Minha espada, repito! O velho Montéquio chegou, e brande no ar a sua lâmina, a despeito de minha presença.

Entram Montéquio e Lady Montéquio.

MONTÉQUIO – Capuleto, seu vilão! – Não me segura, larga-me!

LADY MONTÉQUIO – Não vais te mover um milímetro na direção de um inimigo.

Entra o Príncipe, com Serviçais.

PRÍNCIPE – Súditos rebeldes, inimigos da paz, profanadores do aço dessas lâminas manchadas com o sangue de vossos próprios vizinhos! – Será que eles não me ouvem? – Ei, olá, vocês, homens, vocês, animais, que aplacam o fogo de vossa fúria perniciososa com as fontes púrpuras que brotam de vossas próprias veias! – Sob pena de tortura, joguem ao chão vossas destemperadas armas, soltem-nas de vossas mãos ensangüentadas, e ouçam a sentença de vosso irado príncipe. – Três lutas civis, nascidas de palavras atiradas ao vento por vocês, velho Capuleto e velho Montéquio, três vezes vieram perturbar a calma de nossas ruas e fizeram com que os mais antigos cidadãos de Verona, vestidos com esses graves adereços que lhes caem tão bem, pegassem em armas tão antigas e enferrujadas quanto suas próprias mãos, para despedaçar vosso ódio obsoleto. Se perturbarem a paz de nossas ruas uma vez mais, pagarão com vossas vidas por terem quebrado a quietude. Por ora, dispersai-vos. – Você, Capuleto, vem comigo –, e você, Montéquio, quero vê-lo hoje à tarde, no velho Tribunal, nosso local público de julgamento, para ficar sabendo de minha resolução neste caso. – Uma vez mais, sob pena de morte, dispersai-vos todos!

(Saem o Príncipe e seus Serviçais, Capuleto, Lady Capuleto, Teobaldo, Cidadãos e Criados.)

MONTÉQUIO – Quem foi que reinaugurou essa velha rixa? – Fala, sobrinho, estavas por perto quando tudo começou?

BENVÓLIO – Aqui estavam os criados de seu adversário e seus próprios criados, meu tio, enfrentando-se num corpo a corpo quando me aproximei. Desembainhei minha espada na intenção de apartá-los; nesse exato momento chegou Teobaldo, enfurecido, já de espada em punho, espada essa que ele, enquanto vociferava em meus ouvidos, desafiando-me, brandiu sobre minha cabeça e cortou o ar, que, não se deixando ferir, respondeu-lhe, assobiando em zombaria. Enquanto trocávamos golpes de espada, foram chegando mais e mais homens, cada um brigando de um lado ou de outro, até que o Príncipe chegou, apartando-nos, separando as partes.

LADY MONTÉQUIO – Onde está Romeu? – Tu o viste hoje? – Bem contente fico eu que ele não tenha participado dessa briga.

BENVÓLIO – Senhora minha tia, uma hora antes de nosso venerado sol espiar-nos pela janela dourada do Levante, uma inquietação empurrou-me para fora de casa, e andei até encontrar-me naquele bosque de plátanos que temos a oeste da cidade. Assim que, nessa caminhada, ainda antes do amanhecer, avistei seu filho. Fui em direção a ele, mas ele havia me visto e escondeu-se no bosque. Eu, comparando os desejos dele com meus próprios desejos – sabendo que a maioria das pessoas, quanto mais sozinhas estão, mais ocupadas ficam –, decidi continuar seguindo o meu estado de espírito e desisti de perseguir o dele. Foi com satisfação que deixei de lado quem obviamente me evitou.